



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**REACIONÁRIOS VIRTUAIS: O DISCURSO AUTORITÁRIO ATRAVÉS
DA PÁGINA “CANAL DA DIREITA”**

Paulo Roberto Alves Teles*

“(...) O ciberespaço possui o caráter de sistema dos sistemas mas, por isso mesmo, também é o sistema do caos. Máxima encarnação da transparência técnica, acolhe, no entanto, devido à sua irreprimível profusão, todas as opacidades do sentido. Desenha e redesenha a figura de um labirinto móvel, em extensão, sem plano possível, universal, um labirinto com o qual o próprio Dédalo não poderia ter sonhado. Essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema da desordem, essa transparência labiríntica, eu a chamo o «universal sem totalidade». Constitui a essência paradoxal da cybercultura (...)”

(LÉVY, p.111, 2009)

O dilúvio. É sobre essa realidade que se debruçam os historiadores no alvorecer do século XXI devido a revolução dos meios de comunicação proporcionada pela internet. Ferramenta capaz de produzir a divulgação instantânea da informação, a rede mundial oferece aos historiadores novos desafios metodológicos e novos campos de pesquisa, especialmente, no que se refere ao uso desse ciberespaço por inúmeros grupos e movimentos sociais.

* Graduado no Curso de História (DHI-UFS) e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (PPGS-UFS). Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (UFS-CNPq);

O presente trabalho tem como objetivo analisar as razões para a construção do discurso autoritário apresentado pela página brasileira *Canal da Direita* exibida através da Rede Social Facebook e que tem a frase *Sim, somos reacionários; nossa reação é contra tudo que não presta* como slogan de abertura de sua página. Auto-definida como organização política, o *Canal da Direita* foi lançado em 15 de maio de 2013 e tem como principal administrador o usuário Rafael Novais. Atualmente a página apresentou um crescimento de 38 mil 836 curtidas para 129 mil 269 curtidas entre março e outubro de 2014. Um espantoso e compreensível crescimento diante do cenário eleitoral que o país apresenta.

A página ainda exibe uma cartilha, cuja missão é “*Preservar as liberdades individuais e a propriedade privada em oposição a conceitos coletivistas e ao Estado paternalista*”. Além disso, ela se posiciona claramente em defesa daquilo que ela entende como: “*Valores cristãos, Família, Pátria Brasileira, Democracia, Direito de Propriedade, Liberdades individual e econômica, Forças armadas, Justiça, Redução da Maioridade penal e Direito ao porte de arma*”. E ainda combate: “*Doutrinas marxistas, Socialismo, Comunismo, Nazismo, Agenda LGBT (e não contra homossexuais), Aborto, Liberação das Drogas*”¹. No entanto, apesar de ser bastante claro naquilo que pretende, a página é repleta de equívocos conceituais, apresenta posturas autoritárias e revisionistas, além de postagens caracterizadas pela defesa de comportamentos presentes em manifestações do fascismo ressurgente discutido por Robert Paxton (2007).

O discurso misógino e a convocação da sociedade para uma suposta tentativa de golpe político são também nítidos e presentes nesse ciberespaço. Alicerçados por um suposto combate ao comunismo, os seguidores da página elegem como representantes de suas ideias inúmeras figuras públicas, especialmente Olavo de Carvalho, o Deputado Federal Jair Bolsonaro, a jornalista Raquel Sheherazade, artistas como Lobão e Danilo Gentili.

O HISTORIADOR E A INTERNET: NOVOS DESAFIOS E NOVAS ABORDAGENS.

A construção do passado ou produção da memória deve ser realizada a partir de uma confluência de informações e, sobretudo, de uma metodologia capaz de compreender

¹ Informações obtidas no perfil da própria página. Ver <https://www.facebook.com/CanalDaDireita/info?ref=page_internal>. Acesso em 12 out 2014;

o “tempo” histórico no qual a memória fora produzida e no qual ela será divulgada. E exatamente nesse aspecto que os historiadores se veem diante do mesmo desafio: Como lidar com a produção de informações trazidas pela Internet?

Wikipédia, Hoax², ciber-ativismo, ciber-cultura, ciber-guerra são apenas alguns exemplos de ferramentas, expressões e temáticas surgidas com a Internet. E todas elas, dedicam-se de alguma forma à produção de informações sejam elas verdadeiras ou não em prol da construção do discurso sobre determinado evento. Como a produção é altíssima, a manipulação desses discursos incorre muitas vezes no prejuízo da veracidade, visto que, atendem a interesses específicos e em muitos casos, políticos-ideológicos. Os entusiastas da Internet enaltecem sobre os benefícios da propagação da informação, no entanto, é necessário alertar: Que informação é essa? Qual o tratamento dado a elas?

Historiadores e jornalistas, ambos vítimas da sobrecarga, visto que é impossível controlar essa produção são certamente os profissionais mais atingidos por essa realidade. Ainda que, seja necessário estabelecer território e principalmente dissociar as atividades dos dois profissionais.

“(…) Os seres humanos criam significado interagindo com o seu ambiente natural e social, conectando suas redes neurais com as redes da natureza e com as redes sociais. A constituição de redes é operada pelo ato da comunicação. Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações. Para a sociedade em geral, a principal fonte da produção social de significado é o processo da comunicação socializada. Esta existe no domínio público, para além da comunicação interpessoal. A contínua transformação da tecnologia da comunicação na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança (...)” (CASTELLS, p. 15, 2013).

Nesse sentido, a produção de significados e a sua imensa propagação através dos recursos oferecidos pela internet, principalmente as redes sociais, tem desafiado os historiadores do tempo presente que ainda se apresentam mal resolvidos com os seus colegas jornalistas. A construção ou reconstrução de eventos históricos e as formas de interações sociais nesse universo são obstáculos abissais para o trabalho do historiador, tanto pela falta de uma metodologia adequada como também pela velocidade de produção

² Consiste numa espécie de boato virtual criado na internet. São mensagens falsas alarmistas propagadas com grande velocidade através de e-mails e redes sociais. Ver <<http://www.ebc.com.br/tecnologia/2012/09/saiba-o-que-e-um-hoax>>.

de informações desse veículo. No entanto, é necessário situar a dimensão das transformações em seu momento histórico, isto é, caracterizá-la como uma das ferramentas de velocidade da transmissão de informações trazidas pela Globalização³.

Esse período caracterizado por uma metamorfose digital estaria acompanhado de avanços e retrocessos contínuos, ainda pouco estudados pelos historiadores. Nesse sentido, quais os impactos dessa realidade sobre os indivíduos? Quais as reações dos indivíduos perante essa realidade? Ao entendermos a historiografia como o estudo da produção humana ao longo tempo, os impactos trazidos pela internet anseiam pela abordagem metodológica do historiador.

O professor Dilton Cândido Maynard (2013) alerta por exemplo que a internet se tornou um espaço de disseminação de inúmeras ideias intolerantes e extremistas que propagam o ódio contra minorias e imigrantes ao redor do mundo, visto que, a internet se tornou um campo fértil e de baixo custo para a propaganda de diversos grupos marcados por posturas políticas de extrema-direita.

(...) a Internet deixou de ser um privilégio de pesquisadores, militares e nerds e se tornou um produto comercializável. O sucesso foi rápido e o potencial do novo veículo logo foi percebido por diferentes movimentos sociais e partidos políticos. Além disto, o advento da chamada Web 2.0, com a rápida difusão das redes sociais, promoveu transformações de ordem qualitativa e quantitativa na produção de informações, permitindo que grupos de baixa capacidade financeira lançassem suas ideias no ciberespaço, sendo este um aspecto ainda pouco analisado pelos historiadores quando se trata da Internet (...) (MAYNARD, p. 149, 2013).

Maynard (p. 151, 2013) aponta que a Internet foi primeiramente percebida como veículo de divulgação por grupos de extrema-direita principalmente pelas fragilidades jurídicas existentes nesse espaço (...) antes, cabe lembrar que esta apropriação foi facilitada pela falta de uma legislação específica e pela própria característica supra territorial da rede, que dificultava a ação das autoridades (...)⁴.

³ BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

⁴ Destaca-se aqui a aprovação na Câmara dos Deputados do Marco Civil da Internet fundamentado nos princípios da Neutralidade, Privacidade e Liberdade de expressão;

O CANAL DA DIREITA: UMA PÁGINA DE INTOLERÂNCIA NO FACEBOOK?

Uma das primeiras análises possíveis da página *O Canal da Direita* é que ela é, antes de tudo, uma página de oposição ao governo presidido pelo PT (Partido dos Trabalhadores) instituído desde as eleições de 2003 na presidência da República brasileira. No entanto, o que se apresenta como oposição ao partido político desemboca numa enxurrada de discursos autoritários contra tudo aquilo que possa ser vinculado a políticas públicas realizadas pela gestão presidencial. Não obstante, as críticas direcionadas a presidência e suas práticas políticas provocam o aparecimento de discursos revisionistas e uma profunda oposição a quaisquer políticas pautadas em princípios norteados pelos Direitos Humanos.

Antiesquerdista e Anticomunista declarada, a página emite opiniões que consideram as práticas de Direitos Humanos como medidas de proteção a criminosos. Seu discurso é claro no que se refere às minorias: Na visão da página, elas não existem. São fruto de uma ditadura comunista e *gaysista* que vem sendo implantada pelo Partido dos Trabalhadores. E continua, com a defesa de uma intervenção militar imediata semelhante ao que aconteceu em 1964, que para eles foi uma Revolução necessária para evitar a implantação do comunismo no Brasil.

Alicerçada em ícones midiáticos e políticos como o Deputado Federal Jair Bolsonaro, os colunistas Rodrigo Constantino e Reinaldo de Azevedo, a âncora do jornal do SBT (emissora televisiva) Raquel Sheherazade e no filósofo Olavo de Carvalho, a página *Canal da Direita* tem apresentado um crescimento contínuo de seguidores e consta atualmente com 129 mil 505 curtidas em outubro de 2014. Chama-nos a atenção que em março desse mesmo ano ela contava com 38 mil 836 inscritos (dados fornecidos pelo próprio Facebook). Seu último *grande* feito foi a divulgação da nova *Marcha da Família com Deus*, organizada por grupos políticos de extrema-direita que solicitavam a reedição da intervenção militar ocorrida em 1964. Dito isto, após identificar um de seus principais veículos de divulgação (a internet), uma pergunta nos instiga: Quais as razões desse discurso autoritário?

De acordo com Theodor Adorno (1950), os indivíduos que aderiram ao fascismo apresentavam uma série de elementos psicossociais que explicariam aquilo que ele considerava *personalidade autoritária*. O individualismo exacerbado, presente no mundo industrial, teria sido responsável pela produção de uma *multidão solitária*, ou, nas

palavras de Adorno, *lonely crowd*, que forneceria esse ambiente psicologicamente favorável. Sua argumentação se insere na análise das opiniões, atitudes e valores, mas, sobretudo, nas atitudes. Adorno considerava o Fascismo como uma prática, que poderia ser adotada quando fosse conveniente: até lá, essa personalidade autoritária ficaria adormecida, aguardando o momento ideal para se manifestar.

No entanto, esse aspecto poderia variar de acordo com cada pessoa, visto que a sua construção estaria relacionada às interações sociopolíticas e culturais realizadas pelos indivíduos que consolidariam suas opiniões e valores. Obviamente, Adorno ainda considera que as frustrações socioeconômicas forneceriam condições psicossociais para a proliferação e o amadurecimento de comportamentos antidemocráticos, pois estes seriam mecanismos de inserção desses indivíduos em grupos extremistas, ou seja, uma tentativa, ainda que desesperadora, de pertencimento e, conseqüentemente, de identificação.

“(…) O que outrora era exemplificado apenas por alguns monstros nazistas pode ser constatado hoje a partir de casos numerosos, como delinquentes juvenis, líderes de quadrilhas e tipos semelhantes, diariamente presentes no noticiário. Se fosse obrigado a resumir em uma fórmula esse tipo de caráter manipulador – o que talvez seja equivocado embora útil à compreensão – eu o denominaria de o tipo de consciência coisificada. No começo as pessoas desse tipo se tornam, por assim, dizer iguais às coisas. Em seguida, na medida em que o conseguem, tornam os outros iguais às coisas. Isto é muito bem traduzido pela expressão *aprontar*, que goza de igual popularidade entre os valentões juvenis e entre os nazistas (…)”. (ADORNO, p. 129, 1970)

Em seu polêmico trabalho, *Educação após Auschwitz* (1970), o século XX e a sua modernidade teriam sido responsáveis por um esfriamento das relações humanas. Assim sendo, Adorno considera que a afirmação do individualismo e de suas responsabilidades consistiria em mecanismos para evitar o retorno dessas práticas. Portanto, a tecnificação da sociedade teria sido uma das responsáveis pelo distanciamento das relações humanas.

“(…) Isto se sedimentou do modo mais profundo no caráter das pessoas. O que contradiz o impulso grupal da chamada *lonely crowd*, da massa solitária, na verdade constitui uma reação, um enturmar-se de pessoas frias que não suportam a própria frieza mas nada podem fazer para alterá-la. Hoje em dia qualquer pessoa, sem exceção, se sente mal-amada, porque cada um é deficiente na capacidade de amar. A incapacidade para a identificação foi sem dúvida a condição psicológica mais importante para tornar possível algo como Auschwitz em meio a

“pessoas mais ou menos civilizadas e inofensivas (...)” (ADORNO. São Paulo, 1970).

Dito isto, Adorno argumenta que a personalidade autoritária é percebida pelas suas práticas fascistas e explicada por condições subjetivas que corroborariam os seus mecanismos. Tais condições subjetivas estão relacionadas a momentos históricos que poderiam explicar práticas autoritárias realizadas por sociedades democráticas, tal como tem ocorrido desde a Alemanha dos anos 1930 até a recente postura americana com o *Patriot Act*⁵, que legitimou o uso da força e de práticas de tortura pelo governo estadunidense em interrogatórios de prisioneiros considerados terroristas, em Abu Ghraib e Guantânamo.

Sendo assim, caberia à educação uma espécie de gerenciamento das diferenças para se evitar esse tipo de comportamento. Mas, no entanto, ela também falhou. É o que constata o professor Francisco Carlos Teixeira da Silva, ao se debruçar sobre os eventos ocorridos na ilha de Utoya (Noruega)⁶, na escola judaica Ozar Hatorah, em Toulouse (França)⁷ e mais recentemente em Zwickau⁸. Na opinião dele, o crescimento de eventos vinculados à intolerância estão diretamente relacionados a uma ascensão das direitas conservadoras em várias regiões da Europa. Aquilo que ele denominou como *maré neonazi* tem sido marcante em países onde os péssimos índices econômicos têm como alvo, nos discursos direitistas, o imigrante.

A abordagem do professor Francisco Carlos Teixeira é, na melhor das hipóteses, preocupante, visto que ele apresenta, ao longo de suas análises, um constante processo de aproximação entre a direita conservadora mundial e grupos políticos de extrema-direita. Além disso, ele destaca inúmeros segmentos e dados que comprovam e atestam um crescimento estrondoso do fascismo ressurgente, que volta seus olhos contra imigrantes

⁵ Também conhecido como “Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act of 2001”, o *Patriot Act* foi aprovado em 26 de outubro de 2001 com o intuito de autorizar juridicamente o uso da força no combate ao terrorista.

⁶ Tragédia ocorrida na ilha de Utoya (Noruega), em que o atirador Anders Behring Breivik promoveu o assassinato de mais de 70 pessoas; Ver < <http://noticias.terra.com.br/mundo/ferido-em-utoya-morre-e-numero-total-de-mortos-sobe-para-93,988b2882829ba310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>>;

⁷ 19 de março de 2012, ataque contra escola judaica deixa 4 mortos. Ver <<http://noticias.terra.com.br/mundo/ataque-contra-escola-judia-na-franca-deixa-4-mortos,2e7a77519f7da310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>> Acesso em 19 jan 2013;

⁸ Ver < <http://oglobo.globo.com/mundo/grupo-neonazista-tinha-lista-com-88-possiveis-alvos-3249645>>;

(estrangeiros em geral), muçulmanos, judeus e inúmeras minorias, associando a todos eles a responsabilidade pelos problemas socioeconômicos.

No caso brasileiro, há uma espécie de onda fascista em curso que cada vez mais se apresenta como legitimadora de uma proposta segregacionista e preconceituosa em relação aos Nordeste brasileiro e os seus habitantes, casos como a propagação de discursos extremistas presentes em páginas mais recentes como a *Dignidade Médica*, chamaram a atenção do cenário midiático nacional⁹, ao defender castração química contra nordestinos e minimizar eventos como o Holocausto. Dito isto, o que se percebe é que a internet proporcionou esse espaço para a propagação de ideias e práticas autoritárias devido ao seu aspecto fluído e capaz de proteger esses indivíduos das responsabilidades de seus atos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alicerçados no argumento de exercício da liberdade de expressão, inúmeros grupos autoritários tem apresentados comportamentos e posturas preocupantes no alvorecer do século XXI. Ao mesmo tempo, o historiador se depara sobre a complexidade dessas novas manifestações sociais e o ambiente no qual elas ocorrem. As dificuldades metodológicas trazidas pela internet e pela história do tempo presente tem sido a nova fronteira dos estudos historiográficos.

Obviamente não pretendemos aqui esgotar a discussão sobre uma temática tão espinhosa, mas sim trazer provocações com o intuito de contribuir para o debate da história do tempo presente. Ao apontarmos a história digital como um subgrupo de estudos dessa historiografia, entendemos também a internet como um dos (senão o maior) obstáculos para os historiadores da atualidade. Entender o funcionamento da produção humana e as relações sociais ali construídas não é apenas necessário como também vital para a compreensão dos métodos e das formas de pensamento de inúmeros movimentos sociais, sejam eles extremistas ou não. Além disso, redefinições conceituais sobre memória, testemunho, fonte, passado e presente são urgentes diante desse novo cenário metodológico.

⁹ Ver <<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2014-10-08/medica-de-grupo-anti-pt-minimiza-holocausto-a-nordestinos-e-revolucao-do-agir.html>> Acesso em 08 out 2014.

Assim como apontamos anteriormente, a história se dedica ao estudo da produção humana e as formas como essa se relaciona entre o passado e o presente. Ao considerarmos isso pretendemos incluir e considerar a internet como veículo e meio de produção e reprodução cultural. Cabe aos historiadores do tempo presente definir métodos necessários para a sua análise. Somente assim, evitaremos equívocos e surpresas, muitas delas infelizes, visto que os solos férteis da web também permitem o cultivo do ódio, da violência e da intolerância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Introdução a “A Personalidade Autoritária”**. Harper. Nova York, 1950.

_____. **Educação e Emancipação**. São Paulo.ed. Paz e Terra, 1970;

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999;

MAYNARD, Dilton Cândido. (2013). **Cibercultura e extremismos: notas sobre Brasil e Argentina no tempo presente**. Sociedad y discurso, AAU, (23), 148-170;

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2013;

CASTRO, Davi de. **Saiba o que é um Hoax**. Disponível em <<http://www.abc.com.br/tecnologia/2012/09/saiba-o-que-e-um-hoax>>. Acesso em 11 fev 2014;

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009;

PAXTON, Robert O. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: ed. Paz e Terra, 2007;

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Um estrondo na Noruega: quando o diabo bate à porta**. Disponível em <http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=5134>. Acesso em 20 fev 2013;

_____. **O retorno: é primavera em Zwickau, Alemanha**. Disponível em <http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=5423>. Acesso em 20 fev 2013;